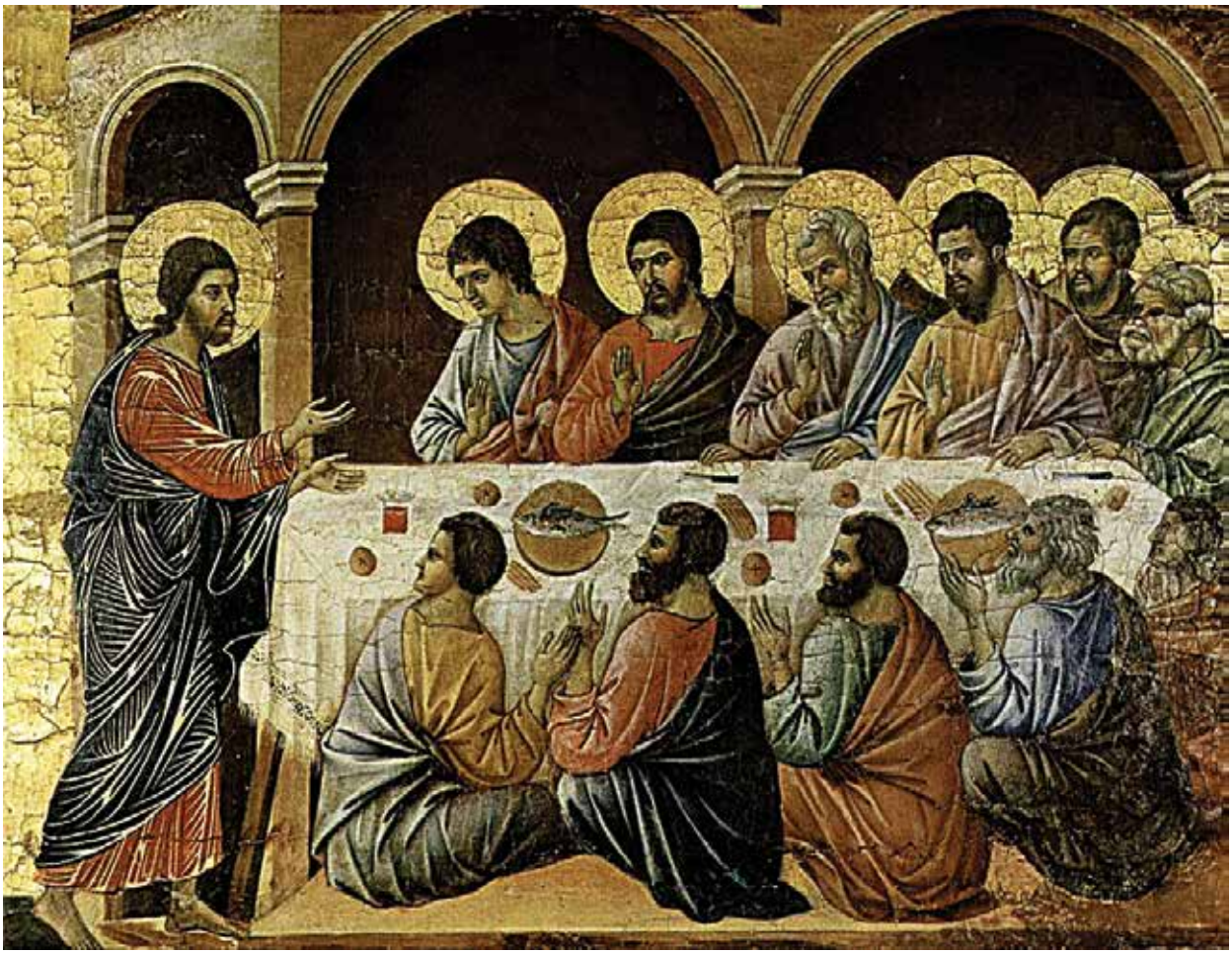
MEDITAÇÃO CRISTÃ

Nº 72 – Ano XX – março/2015

BOLETIM DO RIO DE JANEIRO – Emitido pela Meditação Cristã

Comunidade integrada à World Community for Christian Meditation



Duccio di Buoninsegna, 1255-1319. Catedral de Siena. *Aparição aos póstolos* .

Eu vim para servir

Com este lema, eixo do tema "Fraternidade, Igreja e Sociedade", a Campanha da Fraternidade de 2015, promovida pela Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, iniciou o período litúrgico da Quaresma que se estende até a primeira semana de abril.

Como subsídio para sua divulgação, a CNBB elaborou um texto que reflete sobre as relações Igreja e Sociedade no Brasil, serviço, desafios, convergências e divergências.

O lema é desenvolvido no 3ª capítulo que debate uma visão social, a partir do serviço, do diálogo e da cooperação entre Igreja e Sociedade, além de refletir sobre dignidade humana e justiça social.

Aparição aos apóstolos

Na tarde do mesmo dia, que era o primeiro da semana, estando trancadas as portas do lugar onde os apóstolos estavam reunidos, por medo dos judeus, Jesus veio, pôs-se no meio deles e lhes disse:

"A paz esteja convosco".

Enquanto falava, mostrou-lhes as mãos e o lado. Vendo o Senhor, os apóstolos ficaram tomados de intensa alegria. Então Jesus lhes disse de novo:

"A paz esteja convosco. Como o Pai me enviou, assim também eu vos envio".

Dizendo isso, soprou sobre eles e lhes disse:

"Recebei o Espírito Santo, aqueles a quem perdoardes os pecados, ser-lhes-ão perdoados; aqueles aos quais os retiverdes, ser-lhe-ão retidos."

(Jo: 20, 19-23)

Eventos

Abr. 25/2015 – Caminhada silenciosa no Jardim Botânico, a partir das 9 horas.

Mai. 30/2015 – Manhã de convivência no Jardim Botânico, com meditação, troca de experiências e lanche, iniciada às 9 horas.

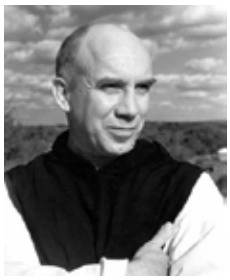
Jun. 27/2015 – Caminhada silenciosa no Jardim Botânico, no mesmo horário.

Páscoa da Comunidade

Está programada para o dia 9 de maio, sábado, às 16 horas, a celebração pascal da Comunidade de Meditação Cristã do Rio de Janeiro, em local a ser confirmado, que informaremos em mala direta. Além do Memorial de Jesus, haverá a prática da oração silenciosa. E logo após a confraternização dos meditantes.

NOTÍCIAS DA COMUNIDADE

Centenário de Thomas Merton



Em 31 de janeiro de 2015, o monge trapista Thomas Merton, um dos maiores místicos do século XX, completaria 100 anos.

Nascido em 31 de janeiro de 1915 em Prandes, França, faleceu a 10 de dezembro de 1968, aos 53 anos, na Tailândia. Monge da Abadia de Getsêmane, no Kentucky, Estados Unidos.

Foi poeta, ativista social e escritor, com extensa obra publicada de mais de 70 livros, dos quais vários foram editados no Brasil, como a *Montanha de Sete Patamares, O Pão do Deserto, o Pão Vivo,* traduzidos por sua amiga Irmã Maria Emannuel de Souza e Silva, com a qual manteve longa correspondência, como também com Alceu de Amoroso Lima, líder católico no Brasil.

No próximo número realçaremos a notável contribuição contemplativa do grande mestre espiritual que foi o místico Thomas Merton.

Meditação Cristã no Hospital São Francisco

Interessado numa presença da Meditação Cristã nesse Hospital, o Frei Paulo, seu diretor, através do meditante Agnelo Costa, convidou a coordenação do Rio de Janeiro para dar os primeiros passos, visando à formação de um grupo a ser integrado por profissionais e funcionários da Casa.

No segundo domingo da Quaresma, a coordenadora do Rio, Edith Vargas, acompanhada de Ana Fonseca, que integra o Conselho Diretor da Comunidade Mundial e Jader Brito participaram da missa celebrada na capela do Hospital pelo Frei Fábio, responsável pelo trabalho pastoral. Após a comunhão, Ana Fonseca fez uma breve apresentação da experiência da oração silenciosa, seguindo-se alguns minutos da prática de Meditação. No final da missa, exemplares do boletim internacional e nacional foram distribuídos aos presentes.

No contato com o Frei Fábio, que já conhece escritos de D. Laurence, foram levantadas possibilidades de atuação, mediante a organização de um grupo de Meditação, bem como de um trabalho junto a jovens e drogados. Agnelo Costa dispõe-se a formar o grupo.

Missa no Mosteiro de São Bento

No próximo dia 14 do corrente mês, sábado, às 16 horas, será celebrada missa na Capela de Emaús do Mosteiro, por iniciativa de Dom Anselmo Nemoyane, que dirigirá a prática da Meditação no final do ofício sagrado. Logo após haverá um lanche, para o qual se pede colaboração aos meditantes, trazendo doces, salgados ou bebidas.

Prece para iniciar a Meditação

"Divino Pai, ajudai-me a discernir a silenciosa presença de Vosso Filho em meu coração. Conduzi-me àquele misterioso silêncio, onde Vosso amor é revelado a todos que O procuram." Maranatha. Vinde Senhor Jesus!

John Main

Para finalizar

Que este grupo seja um verdadeiro lar espiritual para os que buscam um caminho, um amigo para os que se sentem sós, um guia para os que estão confusos. Que os que meditam aqui sejam fortalecidos pelo Espírito Santo para servir aos que chegam e receber cada um como se fosse o próprio Cristo.

Que no silêncio deste ambiente, todo sofrimento, a violência e a confusão do mundo encontrem o poder que consola, renova e eleva o espírito humano.Que este silêncio seja uma força que abra nossos corações à visão de Deus e que assim eles se abram, uns aos outros, no amor e na paz, na justiça e na dignidade humana.

Que a beleza da vida divina preencha este grupo e o coração de todos os seus menbros com uma alegre esperança.

Que todos que chegam aqui, sob o peso dos problemas e inquietudes humanas, saiam dando graças pela maravilha que é a vida humana. Fazemos esta prece por Jesus Cristo Nosso Senhor.

Laurence Freeman

MEDITAÇÃO CRISTÃ

Nº 72– ANO XX – MARÇO/2015

BOLETIM DO RIO DE JANEIRO

Editado pela Comunidade de Meditação Cristã

Fundador: Sérgio de Azevedo Morais

Editor: Jader Britto
jaderbritto@gmail.com

Conselho Editorial: Edith Vargas, Evangelina Oliveira, Regina Coeli Fernandes, Sérgio Almeida, Sérgio Malta e Valdelice Almeida.

Endereço: Rua Siqueira Campos 143, bloco A, apto. 1503 – CEP 22031-070 – Rio de Janeiro, RJ.

Projeto gráfico: Cecília Jucá de Hollanda
cjhollanda@gmail.com

Revisão: Ana Maria Perrotta Mourão

Apoio ao Boletim. Considerando que, desde o nº 59 (dezembro), o boletim nacional e o internacional são veiculados apenas em versão digital, pela internet, encarecemos aos meditantes que, a critério de cada um, enviem as contribuições para colaborar em sua produção, depositando-as no Banco Itaú, Ag. 8418, conta corrente: 01038-8, cuja titular é a meditante Ana Fonseca.

Confirme sua doação por e-mail ou pelos telefones: (21) 2255-6707 / 2523-5125 / (fax) 3389-7717.

Para sugestões e colaborações:
rj.meditacaocrista@yahoo.com.br
ou para o endereço anteriormente citado.

SITES

Meditação Cristã (Centro Internacional): www.wccm.org

Meditação Cristã (página brasileira): www.wccm.com.br

Blog da Meditação Cristã do Brasil: http: wccmbr.blogspot.com

Endereço na Internet para localizar grupos de meditação no país e respectivos coordenadores:
<http://www.wccm.com.br/grupos>

Oração Centrante/Lectio Divina (Brasil): www.oracaocentrante.org

A RESSURREIÇÃO DE JESUS*

Laurence Freeman**

Para muitas pessoas a etapa seguinte da história de Jesus – a Ressurreição – parece desnecessária. Ela parece passar da vida real para a fantasia, do fato para o mito. Exige não apenas a empatia com o sofrimento, mas também uma esperança nascida da fé.

Para muitos leitores dos Evangelhos ao longo dos séculos, a exigência adicional da Ressurreição é um extra adicional para nossa credulidade. Tudo que é realmente necessário já foi oferecido pela história que termina com sua descida da cruz e seu sepultamento num túmulo das vizinhanças. O Jesus crucificado oferece tudo o que precisamos para viver com um senso satisfatório de dignidade humana diante da rejeição, do sofrimento e da morte, a tragédia final de toda vida humana. Sua história é a de um ser humano extraordinário que também foi suficientemente comum para ter um significado universal e que concede uma rara nobreza à confusão lamentável da existência humana. Que Jesus permaneça vivo em seus Evangelhos.

O mistério perturbador é que o significado da vida e morte de Jesus só é revelado na Ressurreição. No museu da Catedral de Siena existe uma bela sequência de pinturas dos Evangelhos de Duccio Buoninsegna, mestre do século XIV. No centro delas, destaca-se uma Crucificação de um *pathos* e de uma beleza profundos. A Ressurreição também é representada , mas numa das laterais da sequência. Qualquer pessoa que "leia" as pinturas sem conhecer a história toda poderá concluir que ela termina com a morte do herói e que o significado deste é sua morte. Mas, por que, pelo menos na maior parte da arte e da teologia cristãs do Ocidente, a Cruz fica no centro?

A ênfase da maioria das representações dos Evangelhos tem sido no ensinamento e na morte redentora de Jesus, não em sua Ressurreição. E essa negligência ou desvalorização da Ressurreição na teologia e no ensino da religião revela muito do cristianismo contemporâneo. A Ressurreição requer de nós uma resposta mais exigente do que qualquer elemento dos Evangelhos. (Em parte, talvez porque se trate de uma história que não vemos acontecer.) Se ela é mítica, porque não se importar com ela? Se não for, o que poderá significar? Cada Evangelho, embora trate a experiência da Ressurreição de maneira diferente, apresenta-a, como conclusão definitiva, a peça do quebra-cabeça que completa todo o quadro. Ela deve ser considerada como parte da história se tomarmos a história, como um todo. Decisivamente, a Ressurreição não é menos histórica ou real do que qualquer outra história de toda a sequência narrativa dos Evangelhos.

Na verdade, a história da Ressurreição não se baseia na prova de um túmulo vazio, mas no depoimento das testemunhas oculares. A Ressurreição é um *evento*, mas diferente de qualquer outro evento em termos de tempo e espaço. O próprio Jesus se transformou, de corpo e de mente. Ele é explicitamente descrito não como um fantasma ou uma projeção mental. Vê-lo foi, no mínimo, tão real quanto a prova dos sentidos físicos. O fato é que, em sua nova forma de ser, ele é ainda *mais* real. Um nível mais alto de realidade do que aquele a que estamos acostumados fora alcançado e agora está invadindo nosso mundo.

A Ressurreição insiste em sua realidade – por mais que tentemos desmistificá-la. Talvez não sejamos capazes de ver a Ressurreição como um fato, entretanto, ela é a luz por meio da qual vemos todo o resto.

Para a *lectio*, pelo menos, isso é mais importante que as provas científicas que, de qualquer modo, nunca estarão disponíveis. Ainda é tentador explicar tudo sobre Jesus nos mesmos termos históricos, críticos e científicos. Porém, onde o método científico falha, outras ferramentas se fazem necessárias. O comentário analítico em demasia deixará escapar a sutileza do evento decisivo dos Evangelhos e, portanto, fará deles uma leitura equivocada. Talvez a mais pura imaginação (no sentido empregado por William Blake) possa percebê-lo: a imaginação da fé em acreditar no que não pode ser imaginado e deve permanecer em um nível para sempre inimaginável e incrível. É por isso que a teologia cristã oriental, com sua preferência pelo apofático, pelo inexprimível, coloca o Cristo Ressuscitado, e não a Cruz , no centro de suas orações, de seu culto e de seu pensamento.

*Transcrição parcial de tópico do capítulo "A vida de Jesus", do livro *Jesus, o mestre* interior, de Laurence Freeman, editado pela Martins Fontes, São Paulo, 2004, em tradução de Valter Lellis Siqueira, com revisão técnica de Dom Anselmo Nemoyane OSB.

.

**Monge beneditino, diretor da Comunidade Mundial de Meditação Cristã. Autor de vários livros, alguns já publicados no Brasil, além deste acima referido, *A Prática diária da Meditação Cistã, A Luz que vem de dentro* (Editora Paulus), *Perder para Encontrar* e *Primeira Vista – a experiência da fé.* (Editora Vozes).

Como meditar

Sente-se relaxado mas atento. Permaneça ereto e imóvel. Feche suavemente os olhos. Em silêncio, comece a dizer interiormente uma única palavra. Recomendamos a palavra-oração: "Maranatha". Recite-a em quatro sílabas de igual duração. Ouça-a à medida em que a pronuncia, suave, mas continuamente. Não pense nem imagine nada – nem de ordem espiritual, nem de qualquer outra ordem. Se pensamentos e imagens afluírem à mente, serão distrações que ocorrem na hora da meditação; continue tentando apenas repetir a palavra. Medite toda manhã e toda tarde, de vinte a trinta minutos.

(Texto extraído do livro *A Luz que vem de dentro,* de Laurence Freeman, Ed. Paulus, 3ª.Edição – p.11)

A GLOBALIZAÇÃO DA INDIFERENÇA*

Papa Francisco

Na Festa de São Francisco de Assis, a 4 de outubro de 2014, o Papa Francisco proferiu no Vaticano mensagem para a Quaresma de 2015, da qual destacamos passagens inspiradoras para reflexão e ação:

Amados irmãos e irmãs! Tempo de renovação para a Igreja, para as comunidades e para cada um dos fiéis, a Quaresma é, sobretudo, um tempo favorável de Graça (cf. 2 Cor 6,2). Deus nada nos pede que antes não no-lo tenha dado. Quando estamos bem e comodamente instalados, esquecemo-nos certamente dos outros (isto Deus Pai nunca o faz!), não nos interessam seus problemas, nem as atribulações e injustiças que sofrem; e assim nosso coração cai na indiferença, Hoje, essa atitude egoísta de indiferença atingiu uma dimensão mundial de tal modo que podemos falar de uma globalização da indiferença. Trata-se de um mal-estar que temos obrigação, como cristãos, de enfrentar.

Quando o povo de Deus se converte a seu amor, encontra resposta para as questões que a história continuamente nos coloca. Dado que a indiferença para com o próximo e para com Deus é uma tentação real também para nós cristãos, temos necessidade de ouvir, em cada Quaresma, o brado dos profetas que levantam a voz para nos despertar. A Deus não lhe é indiferente o mundo, mas o ama até ao ponto de entregar seu Filho para salvação de todo homem. Na encarnação na vida eterna, na morte e ressurreição do Filho de Deus abri-se definitivamente a porta entre Deus e o homem, entre o céu e a terra.

O mundo porém, tende a fechar-se em si mesmo e a fechar a referida porta através da qual Deus entra no mundo e o mundo n'Ele. O cristão é aquele que permite a Deus revesti-lo de sua bondade e misericórdia, revesti-lo de Cristo para se tornar, como Ele, servo de Deus e dos homens. Bem no-lo recorda a liturgia da Quinta-Feira Santa com o rito do Lava-pés. Pedro não queria que Jesus lhe lavasse os pés, mas depois compreendeu que Jesus não pretendia apenas exemplificar como devemos lavar os pés uns dos outros; este serviço só o pode fazer quem, primeiro, se deixa lavar os pés por Cristo. Só essa pessoa tem parte com Ele (cf. Jo 13,8), podendo assim servir o homem. A Quaresma é um tempo propício para nos deixarmos servir por Cristo e, deste modo, tornarmo-nos como Ele. "Assim se o membro sofre, com ele sofrem todos os membros; se um membro é honrado, todos os membros participam de sua alegria." (1 Cor 12,26).

Juntamente com os santos, que encontraram sua plenitude em Deus, fazemos parte daquela comunhão na qual a indiferença é vencida pelo amor. A Igreja do céu não é triunfante, porque deixou para trás as tribulações do mundo e usufrui sozinha do gozo eterno; antes pelo contrário, pois aos santos é concedido já contemplar e se rejubilar com o fato de terem vencido definitivamente a indiferença, a dureza de coração e o ódio, graças à morte e ressurreição de Jesus. Em segundo lugar, cada comunidade cristã é chamada a atravessar o limiar que a põe em relação com a sociedade circundante, com os pobres e com os incrédulos. A Igreja é, por sua natureza, missionária, não fechada em si mesma, mas enviada a todos os homens. Assim podemos ver, no nosso próximo, o irmão e a irmã pelos quais Cristo morreu e ressuscitou. Tudo aquilo que recebemos, recebemo-lo também para eles.

Amados irmãos e irmãs, como desejo que os lugares onde a Igreja se manifesta, particularmente em nossas paróquias e nossas comunidades, se tornem ilhas de misericórdia no meio do mar da indiferença!

A Quaresma é um tempo propício para mostrar esse interesse pelo outro, através de um sinal – mesmo pequeno, mas concreto – de nossa participação na humanidade que temos em comum.

Para superar a indiferença e nossas pretensões de onipotência, gostaria de pedir a todos para viverem esse tempo da Quaresma como um percurso de formação do coração, a que nos convida Bento XVI (Carta encíclica *Deus caritas est, 31).* Ter um coração misericordioso não significa ter um coração débil. Quem quer ser misericordioso precisa de um coração forte, firme, fechado ao tentador, mas aberto a Deus; um coração que se deixe impregnar pelo Espírito, elevar-se pelos caminhos do amor que conduzem aos irmãos e irmãs; no fundo, um coração pobre, que conhece suas limitações e se gasta pelo outro. Por isso amados irmãos e irmãs, nesta quaresma desejo rezar covosco a Cristo: "Fac cor nostrum secundum cor tuum – fazei o nosso coração semelhante ao vosso". (Súplica de ladainha ao Sagrado Coração de Jesus). Teremos assim um coração forte e misericordioso, vigilante e generoso, que não se deixa fechar em si mesmo, nem cai na vertígem da globalização da indiferença.

Com estes votos, asseguro minha oração por cada crente e comunidade eclesial para que percorram, frutuosamente, o itinerário quaresmal, enquanto, por minha vez, vos peço que rezeis por mim. Que o Senhor nos abençoe e Nossa Senhora nos guarde!.

* Publicada na íntegra pelo jornal *Testemunho de Fé*, da Arquidiocese do Rio de Janeiro, em 15 de fevereiro de 2015.

ESTANTE DE MEDITAÇÃO

POR UMA MÍSTICA ENCARNADA

Jader Britto

Professor emérito de Teologia Fundamental da Universidade de Münster, Alemanha, Metz foi aluno de Karl Rahner – influente teólogo do Concílio Vaticano II, que afirmou: "o Cristianismo do futuro será místico ou não sobreviverá" – defende uma teologia fundamentada na prática, eixo de uma escola teológica política que influenciou a Teologia da Libertação, sendo considerado um dos teólogos mais influentes no pós-Concílio. A prática da solidariedade ante o sofrimento das pessoas é uma das chaves de seu pensamento.

Na introdução, o autor assinala que o objetivo deste livro "é tratar sob uma perspectiva teológica a questão atualmente tão difundida, quanto indefinida, da espiritualidade e das espiritualidades", utilizando a metáfora "mística de olhos abertos" para dar voz a um perfil imprescindível da espiritualidade cristã, atentando para as crises que envolvem Deus, a Igreja, as religiões e os mundos seculares, usando esta expressão no plural, talvez por distinguir sua pluralidade. Considera essencial o questionamento de dualismos entre a história da fé e a de vida, entre o mundo da fé e o mundo da razão, entre profissão de fé e experiência.

A estrutura do livro se desenvolve em três partes. Na primeira analisa perspectivas teológicas, detém-se na mística da justiça de Deus e no perfil messiânico da espiritualidade cristã; em tempo e espiritualidade, indaga: "Será que a teologia não estaria se afastando do âmbito de competência da razão crítica moderna?" Ao abordar a mística política situa-a na mística da justiça de Deus, numa ótica ecumênica. Em "Teu Deus é também meu Deus", reflete sobre a sobrevivência de Deus na morte do homem; e no capítulo relativo às preocupações com o perfil do cristianismo, tece um comentário sobre a liberdade de religião.

Na segunda parte, trata da mística do face a face e tentativas de aproximação a essa mística, com tópicos estimulantes como "velar, despertar, abrir os olhos", "aguçando o olhar: paixão e paixões" "mística política do amor ao inimigo", "o Salvador encara os céus", "a história messiânica como história do sofrimento", "a face de um teólogo: Karl Rahner" e a "Páscoa como experiência" que vamos realçar nesta resenha.

Na terceira parte, analisa a questão: "Uma Igreja sem interesse em aprender", perguntando: por que a Igreja pós-conciliar sempre se apresentou quase exclusivamente como uma Igreja que educa numa hierarquia mais elevada, e não como Igreja que aprende? E completa: *Quo Vadis Ecclesia?* Inclui nessa parte um apêndice com o título "Nossa esperança – Uma decisão do conjunto dos sínodos dos bispados da República Federal da Alemanha".

Considerando que o tempo pascal se aproxima no calendário litúrgico da Igreja, pareceu-nos de especial interesse anotar a percepção do autor no citado capítulo "A Páscoa como experiência". Observa de início que a reflexão consiste em "breves comentários aos textos do Novo Testamento". Começa citando Paulo (1Cor 15, 5-8): "Apareceu a Cefas, e depois aos doze. Em seguida apareceu a mais de quinhentos irmãos de uma só vez, a maioria dos quais ainda vive, enquanto alguns já adormeceram... em último lugar apareceu também a mim, como a um abortivo". E parte para indagar: "Quando é a Páscoa? No terceiro dia depois da Sexta-Feira Santa! No terceiro dia? Para todos? E conclui: "A experiência da Ressurreição do Senhor é um evento que ocorre em tempos diferentes", acrescentando que "a Páscoa, a experiência de que Ele está vivo e de que temos um futuro em sua nova vida, não ocorre na mesma hora para todos. Desde o início, devemos prestar atenção a essa diferença temporal na experiência da Páscoa para não nos enganarmos com nós mesmos e com os outros."

O autor reforça essa observação, lembrando que quando já era Páscoa para Maria Madalena e os dois homens não haviam chegado a Emaús, Tomé ainda estava trancado na "caverna das dúvidas" e Damasco ainda estava longe de Saulo, inferindo que não é para todos que "a Páscoa iluminada ocorre no terceiro dia." Acrescenta que, em algum momento o Ressuscitado cruza o caminho de alguém. E indaga: "Quem passa pela experiência da Páscoa, da vitória sobre a morte e parte para a vida eterna?

Para Johann Metz, viver a Páscoa significa entrar na pobreza de Jesus, não retrair nossa alma com medo, mas entregá-la por Ele, no movimento de seu amor.

Ao longo de todo o livro, o questionamento parece constituir a marca desse teólogo da esperança. Não faltam perguntas. Uma das últimas deste capítulo assinala: "Será que a pergunta por uma justiça para todos, portanto também para os mortos, ainda nos move? Ainda nos intranquilizam as injustiças sofridas, os sofrimentos dos mortos há muito emudecidos e esquecidos?" Ressalta no final "Se não há ressurreição dos mortos, também Cristo não ressuscitou". E conclui: "Para imaginarmos adequadamente o evento da Páscoa no tempo, devemos vislumbrar esperançosos, com Paulo, um sinal dos tempos que não ocorra como um final caindo no nada, mas como uma ressurreição universal.

METZ, Johann Baptist. *Mística de Olhos Abertos*. Tradução de Inês Antônia Lohbauer. Coleção Amantes do Mistério, coordenada por Maria Clara Bingemer. São Paulo: Paulus, 2013.

"A Igreja nada rejeita do que há de verdadeiro e santo em outras religiões"

Declaração Nostra Aetate,
Concílio Vaticano II

OS 21 CRISTÃOS COPTAS ASSASSINADOS*

Enzo Bianchi**

Neste ano as Igrejas cristãs não celebrarão na mesma data a festa da **Páscoa**: não obstante, apesar de chegarem de muitas partes, e em particular do patriarca da Igreja copta *Tawadros*, repetidos convites a celebrar juntos a fé na ressurreição de Jesus Cristo, este sinal eloqüente ainda não é possível. Em consequência, nem sequer a quaresma encontra coincidência de datas. No entanto, trágicas vivências destes dias colocaram em comum todas as igrejas cristãs nos sofrimentos e nas lágrimas, precisamente no momento no qual as do Ocidente entram no período de conversão e arrependimento em preparação da Páscoa.

Assim, o metropolita Onufrio de Kiev, primaz da Igreja ortodoxa ucraniana, num acurado apelo aos fiéis e aos concidadãos, convidou a viver os dias habitualmente festivos que precedem a quaresma num clima de prece, de jejum e de arrependimento: "fazendo memória da tragédia sangrenta de *Maidan* – escreve o metropolita – e recordando os milhares de vítimas que houve no ano passado na parte oriental do país, recordando que também hoje, talvez neste exato momento, o povo dali está perdendo a vida, a Igreja ortodoxa da Ucrânia anula todas as festividades que por tradição se celebram neste período do ano. Convido os representantes da cultura e das artes, a mídia, todos os nossos concidadãos a unir-se em tal iniciativa. Este não é o momento de diversões e de gozos. É o momento da prece e do jejum, o momento da expiação dos pecados pelo futuro do nosso país e daqueles que nele viverão".

Mas, o evento sanguinolento que de modo ainda mais perturbador uniu os cristãos de todas as confissões foi o bárbaro assassinato na Líbia de vinte e um operários cristãos coptas, trucidados por mãos do Estado Islâmico. O Papa Francisco, recebida a notícia, não hesitou em realizar um gesto litúrgico inaudito, comemorar numa eucaristia católica cristãos de outra confissão: "Oferecemos esta Missa pelos nossos vinte e um irmãos coptas, degolados pelo simples motivo de serem cristãos... rezamos por eles, que o Senhor como mártir os acolha, pelas suas famílias, pelo meu irmão [o Patriarca copta] Tawadros que sofre tanto".

Palavras de grande intensidade espiritual, antes ainda que de profunda comparticipação na dor. E a evocação do termo "martírio" não é casual. A mídia de todo o mundo, de fato, retomou quanto foi difundido pelos ambientes coptas: aqueles simples operários imigrantes, no momento em que eram trucidados invocaram o nome de Jesus Cristo e se confiaram a Ele, não renegaram sua fé que constituía o único motivo daquela morte violenta. As imagens provêem de uma localidade desconhecida da **Líbia**, às margens do Mediterrâneo e foram realizadas e difundidas com as mais requintadas técnicas modernas, e, no entanto nos referem diretamente aos **Acta martyrium**, aquelas escassas, mas eficazes narrações do martírio sofrido por cristãos dos primeiros séculos – alguns mortos pelas mesmas lides do ecídio destes dias – os quais, diante dos tribunais, de milícias armadas, juízes e imperadores, confirmavam com sua morte o sentido que tinham dado às suas vidas.

Eram pessoas simples esses cristãos coptas, emigrados para trabalho, preocupados pelas famílias deixadas em **El Minya** no **Egito**, assim como eram simples operários católicos aqueles catorze croatas degolados há vinte anos num canteiro de obras perto do Mosteiro de Tibhirine na Algéria, no cume do trauma fundamentalista vivido por aquele país.

Como todos os seus coirmãos, estes coptas – dos quais nos é caro referir aqui todos os nomes: **Milad, Abanub, Maed, Yusuf, Kirollos, Bishoy e seu irmão Somali, Malak, Tawadros, Girgis, Mina, Hany, Bishoy, Samuel, Ezat, Loqa, Gaber, Esam, Malak, Sameh e um operário "da aldeia de Awr"** que ficou sem nome – carregavam no pulso desde seu batismo uma única tatuagem, a cruz de Cristo, para que, se até as palavras não tivessem podido expressar sua fé, esta era testemunhada pela sua carne. É o ecumenismo do sangue, frequentemente evocado pelo Papa Francisco: dos bárbaros assassínios vem o paradoxal reconhecimento que os discípulos do Senhor são "uma só coisa", entre eles e com o seu Senhor.

Nenhuma diferença de língua, de ritos, de calendários, de formulações teológicas, nenhuma disputa secular resiste diante do fato que estes coptas – como todos os seus coirmãos mártires de outras confissões – são simplesmente "cristãos", discípulos de Cristo com toda a sua vida, até morrer. Às vezes o mártir é eliminado porque as suas palavras e os seus gestos perturbaram a quem opera impunemente o mal – se pense no bispo **Romero** ou em dom **Pino Puglisi** – o mártir é morto por aquilo que "tem feito", outras vezes, como aqui, simplesmente por aquilo que "é" e não renuncia a ser: um testemunho de Cristo.

* Artigo publicado no jornal italiano *La Stampa*, de Turim, em 22/2/2015. Tradução de Benno Dischinger.

**Monge e teólogo italiano, prior e fundador da Comunidade Monástica de Bose.